Os significados socioculturais do “Baba de Saia” no Calabar, Salvador (BA)

The sociocultural meanings of “Baba de Saia” in Calabar, Salvador (BA)

Francisco Demetrius Luciano Caldas
Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Brasil
Petrolina, PE
francisco.demetrius@ifsertao-pe.edu.br
https://orcid.org/0000-0001-5542-2436

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Salvador, BA
bruno.abrahao@ufba.br
http://orcid.org/0000-0003-0155-8500

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Baba é a forma como o futebol vivenciado no lazer é denominado em Salvador-BA. No feriando nacional da sexta-feira da Paixão e nas festas de fim de ano, acontece tradicionalmente em seus bairros populares um evento futebolístico denominado “Baba de Saia”. Consiste em um ritual, em que homens de grupos futebolísticos amadores jogam futebol vestindo trajes e adereços lidos como femininos. O objetivo central desta pesquisa foi interpretar os significados socioculturais do “Baba de Saia” que acontece na comunidade do Calabar em Salvador (BA). O método, de inspiração etnográfica, recorreu às observações participantes, diário de campo e entrevistas através da imersão na comunidade em que o evento se realiza. Os resultados sinalizaram a potência do “Baba de Saia” como espaço para discussão das relações entre esporte e gênero, ao mesmo tempo em que significa um espaço de resistência cultural comunitária e reprodutor de lógicas machistas e misóginas.

Palavras-chave: Futebol. Gênero. Masculinidade.

Abstract:

Baba is the term used in Salvador, Bahia, to describe leisure football. On the national holiday of Good Friday and during the New Year's festivities, a football event called "Baba de Saia" traditionally takes place in its popular neighborhoods. It consists of a ritual in which men from amateur football groups play football wearing attire and accessories perceived as feminine. The central objective of this research was to interpret the sociocultural meanings of the "Baba de Saia" that takes place in the Calabar community in Salvador (BA). The method, of ethnographic inspiration, used participant observation, field diary, and interviews through immersion in the community where the event takes place. The results indicated the potency of "Baba de Saia" as a space for discussing the relationships between sport and gender, while also signifying a space of community cultural resistance and reproducing sexist and misogynistic logics.

Keywords: Football. Gender. Masculinity

Introdução

Em Salvador, o futebol vivenciado no âmbito do lazer é conhecido como Baba: "jogar o Baba", "bater o Baba", "enterrar o Baba" ou outras denominações similares compõem uma linguagem característica da cidade. Eles ocorrem a partir de diferentes nuances e espaços como campos de várzea, terrenos baldios, quadras ou praças comunitárias, embaixo de viadutos, áreas privadas, praias e qualquer outro lugar em que possa ocorrer o jogo. No feriado da Semana Santa e nas festas de fim de ano (Natal e Réveillon) ocorre um evento tradicional: o "Baba de Saia", também chamado de "Baba das moças" ou "Baba dos travestidos". Trata-se de uma partida de futebol situada entre o jogo e a festa carnavalesca em que homens, adultos e crianças, se vestem com roupas e adereços femininos, permitindo problematizar as relações sobre o gênero através do esporte.

DaMatta (1990) entende que um *ritual* pode ser interpretado através das teorias das dramatizações e da ideologia. Diante do interesse em entender o dilema brasileiro em torno da construção social do gênero através do esporte, o "Baba de Saia" proporciona importantes contribuições para entender as razões "que coloca [m] a sociedade às voltas consigo própria" (Damatta, 1990, p.14) e ajudam na discussão dos "caminhos que tornam a sociedade brasileira diferente e única, muito embora esteja, como outros sistemas, igualmente submetida a certos fatores sociais, políticos e econômicos comuns" (idem, p. 15).

DaMatta entende que o futebol brasileiro tem características de eventos dramáticos, onde o jogo é não só a roupagem que o encobre como também "adorna uma complexa trama de significados" (Damo, 2003, p. 130). Os embates entre equipes que representam nações ou clubes dramatizariam os sentimentos de identidade e de pertencimento não apenas daqueles que estão em campo, "Nos rituais dramáticos, caracterizados por um estado de ânimo alterado e, portanto, diverso do cotidiano, seriam expressos determinados sentimentos que não poderiam ser conveniente e convincentemente manifestos em outras esferas da vida social (Damo, 2003, p. 130).

Sobre os rituais, DaMatta sugere tomá-los como

> Manifestações para verificar seu significado social e sua posição ao longo de uma ideologia que tende a negar o tempo. Em outros termos, o domínio dos ritos e das fórmulas paradigmáticas que inventam e sustentam personagens culturais é a esfera daquilo que gostaríamos que estivesse situado ao longo ou mesmo fora do tempo. Daí por que os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover identidade e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. Porque é o ritual que permite tomar consciências de certas cristalizações mais profundas que a própria sociedade deseja situar como seus 'eternos' (Damatta, 1990, p. 24).

Se o ritual se constitui como esse domínio privilegiado de manifestação daquilo que se deseja "eterno" numa sociedade, "ele surge como uma área crítica para se penetrar na ideologia e valores de uma dada formação social" (Damatta, 1990, p. 25). O ritual, diz o autor, é, entre outras coisas, um instrumento privilegiado para expressar coisas e relações já sabidas. A finalidade do estudo dos rituais incide sobre o "conjunto de dramatizações que tornam o rito atraente e interessante, mais do que todo aparato necessário para sua realização" (idem, p. 33). DaMatta ainda nos diz que o rito é um elemento privilegiado de tomar consciência do mundo e um veículo básico na transformação de algo natural em algo social. Isso porque, para que essa transformação do natural em algo social possa ocorrer, uma forma qualquer de dramatização é necessária. É pela dramatização que tomamos consciência das coisas e passamos a vê-las como tendo um sentido, vale dizer, como sendo sociais:

O modo básico de realizar tal coisa, essa elevação de um dado infraestrutural a coisa social é o que chamamos de ritual, cerimonial, festividade etc. O momento extraordinário que permite pôr em foco um aspecto da realidade e por meio disso mudar seu significado quotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado. Tudo que é "elevado" e colocado em foco pela dramatização é deslocado, e assim pode adquirir um significado surpreendente, capaz de alimentar a reflexão e criatividade. O ritual tem, então, como traço distintivo a dramatização, isto é, "a condensação de algum aspecto, elemento ou relação, colocando-o em foco, em destaque" (*idem*). Enquanto criações

sociais, os rituais são e refletem os problemas e dilemas básicos da formação social que os engendra[1].

Os rituais, desse modo, seriam "maneiras cruciais de chamar atenção para certos aspectos da realidade social, facetas que, normalmente, estão submersas pelas rotinas, interesse e complicações do quotidiano". (Damatta, 1990, p. 35). Assim, podemos ter o mundo ritual como algo relativo ao que acontece no quotidiano. Uma ação que no mundo diário é trivial pode adquirir um alto significado (e assim "virar" rito) quando destacada num certo ambiente, por meio de uma sequência. Não é preciso repetir para que se crie o extraordinário. Basta que se coloque um ato numa posição especial. No caso, o que é colocado em destaque é uma festa popular cujo diferencial é fato de homens jogarem futebol travestidos de símbolos alusivos ao universo feminino.

DaMatta entende que, no Brasil, há uma classificação dos eventos sociais segundo sua ocorrência: os eventos que fazem parte da rotina do quotidiano, chamado no Brasil de "dia a dia" ou simplesmente "vida", e os eventos que são realizados fora desse "dia a dia" repetitivo e rotineiro, ou seja,

> As 'festas', os 'cerimoniais' (ou cerimônias), as 'solenidades', os 'bailes', 'congressos', 'reuniões', 'encontros', 'conferências' etc., onde se chama a atenção para o seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso acontecimentos que escapam da rotina da vida diária. (Damatta, 1990, p. 39)

O "Baba de Saia" é uma festa que ocorre em um momento em que os valores que regem a vida cotidiana estão suspensos, zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida ou inovada: "onde os problemas são esquecidos ou enfrentados; pois aqui – suspensos entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo – tocamos o reino da liberdade e do essencialmente humano. É nessas regiões que renasce o poder do sistema, mas é aqui que se pode forjar a esperança de ver o mundo de cabeça para baixo (Damatta, 1990, p.15-16).

[1] Ao ritualizar algo do universo brasileiro, a chamada "realidade brasileira se desdobra diante dela mesma, mira-se no seu próprio espelho social e, projetando múltiplas imagens de si própria, engendra-se como uma medusa, na sua luta e dilema entre o permanecer e o mudar. [...] fundados na possibilidade de dramatizar valores globais, críticos e abrangentes da nossa sociedade". (Damatta, 1990, p. 37)

> As festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o quotidiano ser designado pela expressão *dia-a-dia* ou, mais significativamente, *vida* ou *dura realidade da vida*. Em outras palavras, sofre-se na *vida*, na rotina impiedosa e automática do quotidiano, onde o mundo é reprimido. [...] discutindo assim sobre o papel e os significados do ritual no contexto de uma sociedade complexa a fim de discutir o papel de cada grupo ou categoria social que patrocina tais eventos, como também o significado dessas possibilidades de esclarecer desses materiais oriundos da sociedade brasileira (Damatta, 1990, p. 42).

Na busca de compreensões sobre este jogo, Moreira et al (2023) se ocuparam das produções audiovisuais compartilhadas em redes sociais e em matérias telejornalísticas da imprensa local de Salvador e concluíram, através de uma netnografia, que o "Baba de Saia" é um espaço-tempo feito para/pelos homens das regiões periféricas da cidade, que permite-lhes brincar temporariamente com as performances generificadas e as dinâmicas e regras que ordenam seus corpos. Nos vídeos, o vestir-se de mulher acaba por constituir um reforço aos princípios viris, misóginos e homofóbicos que sustentam hegemonicamente determinados padrões de masculinidade através do lazer.

A respeito dos estudos do lazer salientamos a importância da descrição sistemática pautada nos interlocutores (suas práticas, explicações, conexões, teorias, classificações, comportamentos, estatísticas, artefatos etc.), nos próprios sentimentos experimentados pelo pesquisador nas situações de interação (ansiedades, receios, incertezas, alegrias, frustações etc.) e nas articulações e influências daquilo que se observou com os debates do campo acadêmico com o qual se desenvolve o debate (arcabouços teóricos, conceitos, categorias, classificações, questões, hipóteses). Essa espécie de triangulação do pensamento manifesta na redação é fundamental para a produção de conhecimentos que são generalizáveis apenas para os contextos estudados, mas que nas comparações e nos diálogos com outros trabalhos e contextos podem incidir sobre avanços nos debates e compreensões (Myskiw e Stigger, 2021).

Partindo do entendimento que o futebol refrata valores culturais, quais valores assumem a realização de um jogo de futebol cujo diferencial é os homens se fantasiarem e se comportarem de modo jocoso à mulher? O objetivo deste artigo é interpretar os significados socioculturais do "Baba de Saia" que acontece na comunidade do Calabar

em Salvador (BA). Nosso método é de inspiração etnográfica e tem como instrumentos clássicos como observações participantes, diário de campo e entrevistas através da imersão na comunidade em que o evento se realiza.

Stigger e Myskiw (2021) entendem que na investigação e reflexão sobre os aspectos culturais das atividades de lazer – como o "Baba de Saia" – um dos modos de investiga-la é a observação participante, forma de trabalho para quem busca compreender as lógicas estruturais de determinados contextos (p. 102). Segundo os autores, esta forma de investigação tem servido para avançarmos na identificação e compreensão da heterogeneidade de significados que caracterizam as práticas de lazer em distintos universos e grupos, o que tem sustentado debates profícuos com análises e interpretações vinculadas a grandes estruturas de reprodução social. Essas investigações, que possibilitam a "com-vivência" tem aberto lacunas para perceber e retratar apropriações e reapropriações que os grupos e comunidades, segundo suas lógicas, interesses, tempos, espaços, equipamentos e seus projetos constituem as suas vivências. Foram elas que nos ajudaram a entender a heterogeneidade do esporte, a seriedade no lazer, as diferentes formas de organização de atividades de lazer "populares", etc.: "ao buscar compreender as dinâmicas e ao procurar aprender com elas aprofundamos os nossos conhecimentos sobre o lazer" (idem, p. 117).

A imersão no ritual possibilitou vivencia-lo numa perspectiva como disse Magnani (2018) "de perto e de dentro", próximo aos fazeres e a escuta de seus protagonistas. A pesquisa acompanhou por dois anos a rotina do grupo de futebol amador da comunidade Calabar-SA *"BabaSextou"*. A convivência ocorreu nos anos de 2022 e 2023, nos dias em que o grupo se encontrava rotineiramente (as sextas-feiras de forma quinzenal) e nas duas celebrações do Baba de Saia daqueles anos: dia 15 e 07 de abril respectivamente, correspondentes às Sextas-feiras Santas.

Para uma melhor compreensão da tradição e diferenças que marcam sua trajetória, optamos pelas descrições, asserções e análises separadas do jogo nesses anos. Inicialmente apresentamos a comunidade e seu contexto sócio político, para posteriormente investirmos na incursão ao jogo, nos desafios e análises que as observações participantes propiciaram. Esta pesquisa foi submetida ao CEP - Comitê de Ética e Pesquisa em seres humanos da Universidade Federal da Bahia-UFBA e aprovada pelo parecer consubstanciado número 5.815.703.

O Calabar

O Calabar está localizado em uma área de expressivo valor imobiliário, com condições estruturais arrojadas. As diferenças da comunidade para os bairros em seu entorno, se avistam nas ruas e avenidas largas, prédios imponentes e um comércio diversificado com lojas, edifícios comerciários, conveniências, jardins e arborizações. Contrapondo à vizinhança afortunada, as ruas do Calabar são estreitas e repletas de entradas e saídas que nos levam a outros atalhos, escadarias ou vielas. As moradias geralmente com mais de um pavimento são adjuntas dos bares, posto de saúde, vendas, bancas de jogo do bicho ou distribuidoras de bebidas, numa profusão de arquiteturas e cores que caracterizam o bairro. Os relatos de Silva (2007) também revelam suas vielas e becos, sendo difícil precisar-se ao certo, onde começa uma rua e termina outra, como a Rua Ranulfo Oliveira que para alguns é Calabar enquanto, para outros, pertence ao bairro Alto do Apipema.

Apresenta alta densidade demográfica, sendo uma das regiões economicamente mais dinâmicas da cidade, com grandes contrastes com bairros vizinhos de classe média e alta como a Barra; especificamente situa-se em uma área de vale na região central de Salvador, entre o cemitério do Campo Santo, Alto das Pombas, Federação, Graças, Jardim Apipema, Ondina e São Lázaro. Em sua extensão, o bairro é cortado por um riacho que atualmente é coberto por tapume de concreto e edificações, conectando a Avenida Centenária - Barra à Avenida Oceânica – Ondina (Freitas, 2020).

Segundo Treuke (2019), o bairro como vetor de expansão da classe média e alta, emergiu no final da década de 1940, quando esses grupos sociais se deslocaram das porções centrais em direção à faixa litorânea da cidade. A natureza aguerrida dos moradores do bairro data da década de 1970, e como exemplo de um dos movimentos populares que marcou a trajetória do Calabar em ações comunitárias nas suas escolas, biblioteca comunitária, organizações esportivas e culturais ou posto de saúde, Freitas (2020), percorreu a trajetória do grupo Jovens Unidos do Calabar, o JUC, criado em 1977 por lideranças comunitárias e Igreja católica. O grupo representou a luta e conquista por um território em um movimento de bairro que influenciou o próprio movimento popular de Salvador. Paralelo a suas lutas sociais, também enfrenta os problemas comuns a regiões periféricas dos grandes centros urbanos do país, como a

precarização de moradias, desemprego e violência (DÓREA, 2011), bem como forte estima territorial.

Desde essa época, as iniciativas esportivas em torno do futebol se faziam presentes no bairro. As fontes de pesquisa utilizadas por Freitas (2020) identificaram agremiações futebolísticas comunitárias como um dos vetores de organização e resistência política e cultural para a história do Calabar. Seus dados trazem os Clubes de Futebol Alvorada Futebol Clube, Botafogo, XV de Novembro, Ipiranga e União. Iniciativas esportivas que funcionaram como processos de resistência cultural, engendrados por entidades da cultura popular e construídos por meio da articulação com seu entorno.

A prática da observação participante no contexto da pesquisa etnográfica é perpassada por quatro aspectos substantivos: A experiência da entrada de campo; a produção de estranhamentos; a arte de situar-se com seus interlocutores e as aprendizagens da escrita do diário de campo (Myskiw e Stigger, 2021, p. 103).

O início da observação participante é o que denominamos “entrada em campo”, movimento pelo qual o pesquisador procurará “ser aceito” no universo que pretende estudar. Isso é sempre precedido por uma “aproximação” e a entrada sempre se dá num espaço simbolicamente marcado, sendo preciso respeitá-lo enquanto tal e saber sobre os interlocutores (normalmente aqueles protagonistas). Cada aproximação tem suas peculiaridades e a participação efetiva (estar disponível a ajudar em tarefas, brincar, jogar junto etc.) não raramente é um aspecto bastante relevante da “entrada no espaço” já demarcado por normas, regras, etiquetas, posições, disputas. É neste momento que o pesquisador vai encontrando e construindo o seu lugar, no universo investigado com os outros, diminuindo paulatinamente as distâncias sociais e cognitivas, transformando os “sujeitos da pesquisa” em verdadeiros “interlocutores”.

A primeira vez que adentramos na comunidade[2] do Calabar, era manhã de sexta-feira e como em toda metrópole, a movimentação dos moradores, alunos indo à escola, comerciantes abrindo ou organizando suas vendas era constante. O destino, a quadra esportiva e comunitária, fica a poucos metros de uma de suas entradas, nas mediações da Avenida do Centenário, tendo um posto de gasolina como ponto de

[2] As formas pelas quais os integrantes do Baba se reportam ao Calabar são variadas. A maioria o denomina comunidade, mas também escutamos as denominações bairro, favela, vila e “nossa área”. Optamos pelo termo comunidade no texto por representar a maioria.

referência principal. De longe, o teto de zinco da quadra chamava atenção pelos reflexos do sol e o calor na arquibancada em que nos acomodamos era forte; o espaço é quase todo cercado por moradias já concluídas e outras em construção, em que os trajetos da bola no ar ou no chão com gritos fortes dos jogadores, dividem o espaço com as janelas das casas ou apartamentos, onde moradores estendem suas roupas ou asseiam gaiolas de passarinhos. Fomos recepcionados por Gilson Oliveira, um de seus representantes. De forma atenciosa nos apresentou a outros integrantes que estavam nas proximidades da quadra e como esperado, nos olharam curiosos, achando a princípio que íamos entrar no jogo, jogar o baba.

Com o passar dos encontros semanais, nossa presença já não causava olhares de curiosidade, mas também não se converteu em familiaridade, foi preciso vivenciar o primeiro Baba de Saia com o grupo para escutar dos integrantes suas impressões sobre nossa presença nos jogos, na rotina do *"BabaSextou"*. As pessoas com as quais conversamos relataram que a presença de "professores" para "olhar" e "estudar" as "coisas" da comunidade não era novidade, ela despertava interesses de muitos quanto aos seus aspectos políticos, sociais e culturais, mas que era a primeira vez que "chegavam" para "olhar" o Baba de Saia da rapaziada do Calabar. Quando apresentados a outras lideranças da comunidade fora do circuito futebolístico, suas falas denotavam que estávamos ali para "apoiar" e "divulgar" as ações do jogo.

Existem muitas vias de acesso à comunidade, mas seguindo as orientações de Gilson Oliveira, era importante chegar sempre ao Calabar pela entrada da Avenida do Centenário, a que possui melhor acessibilidade e trânsito de pessoas. Antes de entrar, enviávamos mensagem via Whatsapp comunicando a chegada. Com o passar do tempo, ficou evidente que essa rotina procurava dialogar com o próprio ritmo da comunidade em seus dias triviais e naqueles tencionados pela violência, cuja presença de pessoas de fora poderia acionar riscos. Entrar, estar e sair da comunidade acontecia em um espaço simbolicamente marcado, sendo importante respeitar as fronteiras verbalizadas por nossos interlocutores.

Figura 1 - A quadra comunitária do Calabar

Fonte: acervo pessoal, 2022

Na memória dos integrantes do *BabaSextou*, o grupo possui mais de vinte anos na quadra comunitária e começou com a junção de jogadores e equipes de bairros adjacentes, até atingir sua configuração atual, formada em sua grande maioria por jogadores do Calabar.

> Se eu não me engano é de 98 eu acho, não me lembro a data não, mas lembro que era uma quadra descoberta e a agente ia pra esse Baba no intuito de jogar contra uma galera do Garcia que a gente estudava juntos no Edgar Santos[3], a gente armou esse Baba e aí pegou e foi pegando, chegou uma Baba de lá da Bomba que é uma comunidade próxima da quadra, aí ficou três Babas e até hoje a gente tá aí, tem mais de 20 anos esse Baba" (João Victor Costa Rocha).

Reginaldo Quirino da Silva, de 45 anos, representa uma geração mais antiga do grupo e conserva detalhes de sua origem, do primeiro espaço que o Baba dispunha, da quadra comunitária e o contexto sociocultural do qual o *BabaSextou* é fruto:

> Aí tinha uma ONG que veio dos Estados Unidos e começou a ajudar a comunidade, deu material para fazer as casas, aí fez a Escola Aberta. Aqui tinha projetos de gringos de fora e começaram muitos projetos como o de Mestre Cesar, que dava aula de capoeira. Daí a prefeitura fez umas melhorias e aí surgiram movimentos como o Samba no Bairro, percussão como o

[3] Centro Educacional Edgar Santos é uma escola da rede estadual da Bahia, voltada para o ensino médio e situada no bairro Garcia.

> Samba de Bira. Muitos jogadores daqui sabem tocar por conta desse pessoal que ensinou e terminou tirando muita gente do crime.
>
> Aí começaram os times com Valter pra tirar os jovens da malandragem. Muitos que jogaram bola com a gente se envolveram e não estão mais aqui. Esse Baba aqui é fruto desse movimento todo, porque esse Baba aqui começou de 1999 pra cá, essa aí já é outra geração.
>
> Nós tínhamos dois Babas: esse Baba de hoje (sexta) e o de segunda. Nesse da segunda era esse grupo com mais outras pessoas e esse foi o que durou. Nós começamos na grama, era lá na frente, na saída onde tem aquele quiosque, ali era uma vala, a gente começou li, o Baba era ali. O Valter até organizava campeonatos lá. Esse espaço na grama acabou com o processo de urbanização.
>
> Aqui era um campinho de barro que era da Escola Aberta, era uma horta. Aí os meninos começaram a jogar bola e foi matando a horta, o mato. Aí pronto, surgiu um campinho, depois veio um projeto da prefeitura e fez uma quadra só de brita, encimentou toda e botou brita e depois essa reforma da quadra com o telhado e esse cimento aí mais liso e a pintura. Na verdade essa quadra do Calabar é da Escola Aberta que é um órgão que vive de doações, não é do Estado nem da prefeitura. Essa quadra surgiu antes dos outros equipamentos como a base de segurança ou o posto de saúde (Reinaldo Quirino da Silva).

A despeito do início do Baba de Saia no grupo, as memórias demarcaram a década de 1990, precisamente em 1998. Pontuaram o lugar inicial do jogo, as mudanças espaciais e principalmente o receio inicial em se fantasiar de mulher para jogar de saia.

> O Baba de Saia daqui começou na pracinha de Ailton em 1998, mas ainda não tinha as fantasias. Aí veio um e disse: "vamos botar a saia mesmo? Eu mesmo disse que não, porque não gostava, quem quiser que use. Aí Van, João Vitor, Gilson e Magayver botaram. Mas nessa época eu não me fantasiava e Gilson teve uma ideia mais Pilo e João Henrique de ir para a grama, mas poderia ter alguma confusão com as pessoas de lá e a gente ficava no meio e podia ter algum tiroteio, nunca houve, mas podia acontecer. Aí Gilson disse: "vamos lá pra frente e botamos lá no parquinho da Avenida do Centenário" e começou a levar os timbaus, os tamborins, as mulheres começaram a ir, e aí

> pegou. Todos com roupa de mulher e as mulheres passavam batom na gente, rímel, tudo. No terceiro ano, decidimos fazer uma coisa mais organizada em que cada um ia trazer uma coisinha, porque a gente só levava um vinho, tocava um pouco e acabava. Ai João Vitor, Hotvale e os outros decidiram fazer uma coisa mais organizada e decidiram cada um dar cinquenta reais e uma caixa de cerveja, daí compramos a camisa, pulseira. E este ano será o mais organizado de todos que já fizemos (Reinaldo Quirino da Silva).

O depoimento anunciou as mudanças que os integrantes vão inserindo na tradição. À medida que a comunidade adere ao jogo pela quantidade de pessoas envolvidas, os organizadores ampliam os atrativos que a cada ano carnavalizam-se mais. Depois de mais de uma década do primeiro Baba de Saia do grupo, aderiram em 2022, às pulseiras e canecas identificadoras da festa, apetrechos típicos de carnavais fora de época ou mesmo blocos de rua; em 2023 mais novidades foram incrementadas, numa perspectiva de agregar uma estrutura e serviços que lhes garantam entretenimento aos jogadores, familiares e a comunidade em geral.

É carnaval na Sexta-feira Santa: O Baba de Saia do Calabar 2022

O "estranhamento" é um dos princípios básicos do conhecimento antropológico que se relaciona ao processo de "familizarização". Além da "familiarização do estranho" a antropologia passou a englobar o "estranhamento do familiar". Nesse caminho, além de compreender modos de vida de outros grupos sociais, os estudiosos da cultura passaram a conhecer melhor a si próprios. Produzir o estranhamento (ou situações de estranhamento) refere-se a uma "atitude etnogrática" do pesquisador, o que ocorre, sobretudo, nas observações participantes: a atitude de posicionar-se num ir e vir entre diferentes universos simbólicos, o seu e o daqueles sobre quem se pretende pesquisar. Olhando ao mesmo tempo para a janela (para os "outros") e para o espelho (para "si") é que o observador atento às "alteridades" chegará àquilo que pretende conhecer com o desafio de construir um estranhamento daquilo que à primeira vista parece familiar. O que há de estranho no Baba de Saia vivenciado no lazer do Calabar? Pergunta para ser respondida a partir de estudos de inspiração etnográfica.

É um dia atípico para os moradores do bairro e jogadores do grupo *"BabaSextou"*. Passados mais de quarenta dias do carnaval para início da Semana

Santa, seguindo o calendário cristão, o entusiasmo carnavalesco permanece aguerrido nos primeiros jogadores que chegaram por volta das oito horas da manhã na alameda central da Avenida do Centenário, próximo a entrada principal do bairro. O que lhes espera é um dia em que o futebol e a festa demarcam um tempo distinto daqueles habituais ou de outros feriados; similar aos dias de carnaval se difere como analisa Damatta (1997, p.57) de outros feriados, pois diferente de datas que possuem um tempo histórico ao acionar nos indivíduos aspectos da própria história do Brasil, como o dia da Pátria; o clima do Baba de Saia, pensando-o numa perspectiva carnavalesca, revela um tempo singular, pois estimula nos seus participantes, como o carnaval propriamente dito, os contatos com o divino, profano, o pecado ou a salvação.

Ritos populares objetivam o encontro das pessoas e alguns jogadores chegam logo cedo ao ponto marcado para a concentração. Ainda que em horários diferenciados, o espaço começa a ser ocupado pela presença e conversas sobre a falta de adornos em alguma fantasia, as bebidas que não chegaram ainda ou os instrumentos musicais que já deveriam estar a postos. Por volta das dez horas, uma leva considerada de fantasiados deixam o local e seguem para a área central da avenida, em que os demais irão aos poucos se chegando.

Vamos aos poucos identificando jogadores da quadra, agora fantasiados e conhecendo outros participantes por intermédio de Rogério, nosso interlocutor, entre eles o senhor Walter, presidente do bairro que nos dá às boas vindas e se mostra disponível para o que precisarmos. Depois de um tempo, as laterais da área do jogo, que consiste em um terreno inclinado para o centro da alameda com seus trechos de grama verde e muitas árvores, começam a funcionar como arquibancadas para os que foram ver o Baba de Saia. Além dos contatos com o grupo nos jogos semanais, este dia era de fato nossa primeira experiência com a festividade do Baba de Saia. Como em toda incursão investigativa em busca de interpretar significados culturais, era preciso "demarcar", "construir", "cativar" nosso lugar entre os jogadores, no jogo propriamente dito. Participar, para além de espectadores, das tarefas que demandavam o ritual. Assim, nos colocamos a disposição e dividimos algumas funções como carregar os instrumentos musicais, esportivos e outros itens reservados para o consumo como isopores com gelo e suportes. Eram ocupações que nos aproximavam dos jogadores, aumentando possibilidades de conversas sobre o evento ou qualquer outro assunto

corriqueiro; estávamos “diminuindo” as distâncias simbólicas entre os “professores”, como muitos se referiam, e os jogadores, agora fantasiados para o Baba de Saia.

Figura 2 - O público se formando

Fonte: acervo pessoal, 2022

O jogo iniciou e entre os transeuntes que realizavam caminhadas ao redor da alameda, quase todos repararam e sorriram com os homens fantasiados de mulher jogando bola em espaço retangular pequeno, com barrinhas como traves e procurando fazer um gol ou parar de jogar quando o cronômetro finalizar o tempo de dez minutos. Muitos carros desaceleram e emitem buzinas fortes, reconhecendo alguns integrantes ou demostrando empatia com o costume do feriado.

A comunidade se aglomera com presença de namoradas, companheiras, amigos e amigas dos jogadores que chamam a atenção com suas roupas justas, coloridas e adornadas de perucas, maquiagens extravagantes, pulseiras, anéis, colares, bichinhos de pelúcia e adereços tantos. Enquanto os jogadores estão na partida, esse público vai às risadas com as performances masculinas, manuseiam as bebidas, os instrumentos percussivos e aguardam a hora de começar o cortejo de retorno à comunidade.

O costume possui um caráter intergeracional, com a presença de muitos filhos dos jogadores também fantasiados e entrando em jogo sempre que possível; um número considerável de crianças também compõe o cenário do Baba de Saia e constituem-se em longo prazo os responsáveis principais para a manutenção da tradição. Fantasiados como seus pais, as crianças (os meninos) não incorporam nenhuma performance de gênero feminino ao jogo. Na verdade, por seus comportamentos, suas vestimentas femininas se assemelham a qualquer outra fantasia carnavalesca, não existe nenhuma iniciativa em compor a fantasia com trejeitos objetificados do que seria ser mulher ou

gay. Os esforços performáticos de seus pais, não exercem curiosidades nos meninos, tampouco são estimulados por esses; ao contrário, a permissão que concedem aos filhos de se vestirem de mulher, vem acompanhada de orientações precisas como afirmou José Victor: "... eu digo pra ele, hoje você vai pra o baba comigo fantasiado de mulher, mas é só hoje, não pode fazer isso todo dia não, tá compreendendo?" O que está em jogo para as crianças é o tempo que conseguem ficar com a bola, quando disputam o espaço recreativo com seus progenitores fantasiados dando continuidade à tradição de um jogo que se reporta ao feminino de modo jocoso.

Figura 3 - Os filhos dos jogadores

Fonte: acervo pessoal, 2022

O calor aumenta quando chegam às onze horas e os primeiros sinais que as partidas estão por encerrar vêm dos atabaques. O som percussivo acompanha o consumo de cervejas e vinhos, formando um aglomerado de jogadores em torno daqueles que conduzem os instrumentos. Depois do jogo, a formação para o cortejo de retorno à comunidade se inicia ao som de clássicos do *Axé Music*.

Figura 4 - A formação do cortejo

Fonte: acervo pessoal, 2022

A incursão proporcionou decompor as partes do ritual que compõe a tradição. A proposta não foi pensa-lo numa perspectiva rígida ou engessada, subtraindo assim sua fluidez e intercâmbios entre os momentos da festa-jogo, mas no sentido de propor uma clivagem ou fragmentação da sua dinâmica, facilitando-nos o olhar para o todo do evento de forma atenta, acessando seus significados com mais segurança. Não existem fronteiras delimitadas entre essas partes, mas o exercício propiciou observar que o Baba de Saia do Calabar constitui-se de três principais momentos, que aqui denominamos de o *encontro*, o *jogo* e a *festa*. O *encontro* se inicia com o deslocamento da comunidade até o local do jogo, promovendo a concentração dos jogadores, amigos, familiares e curiosos; é nessa etapa que as fantasias são finalizadas e com a ajuda das mulheres, em sua maioria a cônjuge do jogador, ajustes nas roupas são feitos, bem como a maquiagem e adereços. Uma vez montados, os jogadores agora personificados em "jogadoras" posam sinuosamente para os primeiros registros fotográficos em seus celulares. O *encontro* é também o ordenamento pela logística de três itens importantes para as duas fases seguintes: as bebidas, as bolas, as traves e os instrumentos musicais. Uma vez posicionados às sombras das árvores à espera dos percussionistas, traves e bola no espaço de jogo e as bebidas já em pleno consumo, dar-se início a segunda fase, o *jogo*.

São mais de duas horas de *jogo* propriamente dito, o sol escaldante vaporizado na alta temperatura de cimento batido, é amenizado pelos goles de cerveja e vinho gelados. No Baba só há jogadores na linha, três em cada time; o espaço retangular e as

mini-traves trariam complicações para um goleiro e as defesas de bola poderiam atrasar sua dinâmica rápida de jogo para as equipes que se formam em tempo real. Cada gol é comemorado na mesma intensidade em que é esquecido; não existem placares, súmulas ou apostas, as risadas e os deboches se direcionam para o drible impecável e também para o que levou a "saia", "caneta" ou "rolinho", como queiram chamar. Se um jogador consegue ao mesmo tempo fazer uma jogada com maestria e exibir sua feminilidade temporária ao máximo com gingados, rebolados e gritos, ele é ovacionado por todos. Entre equipes que se formam, jogam e se desfazem, gols marcados, latinhas pelo chão e algazarras que lembram um encontro entre velhos amigos, a manhã avança e é chegada a hora da *festa*.

Figura 5 - O *Jogo*

Fonte: Acervo pessoal, 2022

Nesta última fase do evento, a *festa* anuncia o fim das partidas e recolhimento dos equipamentos de jogo - a bola e as traves; os instrumentos musicais agora estão sendo aquecidos e jogadores antes dispersos agora se aglomeram em um único grupo, ou como disse um deles "aqui é o pelotão da frente!". No entorno, a plateia vai se posicionando; é o começo do cortejo até a comunidade para em seguida adentrar suas ruas até o ponto final da comemoração. As bebidas que sobraram do jogo vão sendo consumidas no percurso de quase um quilômetro, percorridos pela marcha carnavalesca que entoa em uníssono, músicas, marchinhas ou gritos de guerra.

As ruas estreitas do Calabar agora aproximam muito mais os jogadores e seu público, estávamos praticamente "colados" uns aos outros, disputando cada centímetro do chão a passos lentos e cadenciados pelos ritmos dos tambores. Calabar fazia lembrar, pela quantidade de pessoas maior que a disponibilidade do espaço, cenas do próprio carnaval soteropolitano, como a saída do bloco Afoxé Filhos de Ghandhy em seu primeiro dia no Pelourinho, uma referência equivalente ao dançar ou movimentar-se em espaço reduzido[4]. O Baba de Saia naquele momento da *festa,* esbanjava cores, formatos, musicalidades e lógicas que lhe conferiam um ritual singular entre tantos na cultura da cidade e, sobretudo nos rituais acionados pelo futebol Brasil afora.

Figura 6 - O cortejo na comunidade

Fonte: acervo pessoal, 2022

À medida que o cortejo avançava, os moradores foram aderindo à *festa,* tornando o corredor de gente ainda mais compacto. As músicas não cessaram e o coro das letras das canções acompanharam a chegada às escadarias, que nos levaram ao um local mais amplo, espécie de largo comunitário com pontos comerciais e residências; uma tenda armada, estrutura de som e isopores com as bebidas demarcaram que o trajeto ali se encerrava. Ainda que cansados, fomos nos acomodando em torno da tenda; os fantasiados iniciaram o desmonte da personagem, e pouco a pouco a figura que outrora

[4] Esta lembrança não foi nossa e sim de um dos jogadores, o Rogério "Cara de cachorro", que enquanto entrávamos no bairro interpelou: "tá vendo cabeça? aqui parece os Filhos de Gandhy naquele primeiro dia".

era uma caricatura feminina, foi se desfazendo das roupas e vestindo a camisa oficial do evento, que vinha acompanhada de um copo e pulseira de identificação com a logomarca da festa. Do jogador que temporariamente "tornou-se" uma "jogadora", só restou marcas da maquiagem que ainda escorria devido ao calor.

Figura 7 – Na tenda

Fonte: acervo pessoal, 2022

O Baba de Saia do Calabar 2023

O situar-se no campo da observação participante pressupõe um esforço diante da expectativa da vivência do investigador, por um período normalmente longo, com os interlocutores que pretende investigar, nas situações de lazer, mesmo que isso ocorra de maneira intermitente. Esse situar-se é uma "experiência de linearidade", isto é, um período em que o investigador não está no '"eu lugar" e também não está no "lugar dos interlocutores" que ajudam na percepção dos "processos de construção cultural que constituem as práticas e as instituições de lazer". É precisamente nas margens dessa liminariedade experimentada pela observação participante que a pesquisa "entrará em contato com modos de vida em que estão presentes diferentes sistemas de significação, valores e comportamentos sociais. Trata-se de um processo de "socialização acelerado" a ser vivido num contexto sociocultural que – mesmo com conflitos, disputas e descontinuidades – tem coerência interna, a qual, para ser compreendida, envolve "incorporações" do investigador que vivencia "estar entre", e o fazer "de perto e de dentro" o que implica desenvolver uma "arte de ser", que passa por "saber ouvir",

"saber olhar", posto no qual está inserido esse movimento em territórios simbólicos que lhe impõem, legitimamente, posições, relações, percursos, limites e até mesmo ambiguidades. O trabalho constante de situação, portanto, é tanto de quem pesquisa, que se esforça para se apropriar dos modos de ser e fazer adequados nos contextos estudados (fazer o que se espera), como também um empenho ininterrupto dos próprios interlocutores da pesquisa, que tratam de "encaixá-lo" nos momentos de desajustes e inadequações. A observação participante promove uma "experiência da mutualidade", que requer interação e construção: "nas interações, tanto ensina quanto aprende; tanto afeta, quanto é afetado; tanto pede explicações sobre seu lazer e dos colaboradores quanto é levado expor seu lazer em conceitos acadêmicos; procura imprimir seus itinerários de estudos, ao mesmo tempo que seus interlocutores indicam as suas próprias questões relevantes" (Myskiw e Stigger, 2021, p. 111).

O *encontro* esse ano foi no espaço recreativo e de lazer da Avenida do Centenário, como eles chamam a *Pracinha do Centenário*, em frente à entrada principal da comunidade. Esse ano, uma patrulha policial se aproximou e solicitou falar com os organizadores do evento, quando Gilson, um dos seus representantes, cumprimentou cordialmente o oficial, confirmando a entrega do ofício a Secretaria de Segurança. Próximo aos dois escuto o policial relatar: "Tudo certo então meu amigo, comunicou também ao pessoal lá de cima?" Gilson responde: "tudo certo sim, também disse aos caras, que depois daqui vamos subir pra fazer a festa".

Em conversa com o Gilson em seguida, me afirma que "os caras" se tratam do tráfico do Calabar, das "bocas de fumo" que atuam na comunidade. O policiamento se despede e o primeiro momento do ritual segue seus costumes, com música estridente de uma caixa amplificadora que em seguida é substituída pelo som da mala de um carro, a chegada das mulheres e crianças, e um morador não fantasiado com as funções de manter os vinhos gelados no *cooller* e servi-lo aos jogadores.

Figura 8 - O encontro

Fonte: Acervo pessoal, 2023

A presença da guarnição policial foi o indício mais forte nesse momento do jogo que sinalizava o aumento da proporção do evento nessa edição. A começar pela mudança do local, chamando agora mais atenção da cidade e, sobretudo pelos consentimentos da polícia e do tráfico local, numa espécie de "acordo" entre ambas as partes para a realização tranquila da festividade. Quando a polícia retirou-se de vez, os depoimentos reforçaram que estava tudo sob controle, a polícia informada e o mais importante, o tráfico tinha dado seu aval. Sem uma presença física que o identificasse, o núcleo duro do tráfico do Calabar hegemonicamente masculino como o Baba de Saia, estava presente na *Pracinha do Centenário*. Em uma perspectiva etnográfica, naquele momento os "outros" que olhávamos e tínhamos estabelecido relações ao longo dos encontros, não eram apenas os jogadores habituais que ali se encontravam fantasiados, mas também integrantes do tráfico local, que sinalizaram quão forte eram as relações de alteridades em jogo. O ocorrido representava um dos processos de construção cultural, pelo qual aquele grupo de futebol amador precisava vivenciar para que uma de suas práticas de lazer pudesse existir acontecer. Exemplificou ainda movimentos inerentes ao fazer etnográfico, quando o intercâmbio entre quem pesquisa e seus interlocutores são contínuos: nossa atenção voltara-se para entender a presença do policiamento e seus questionamentos sobre a ocupação daquele espaço público, ao mesmo tempo em que os jogadores se esforçavam para nos por a par da situação, de certa forma nos "encaixar" ao contexto.

Típico das partidas de futebol, os fantasiados começaram o *Jogo* com a formação de um círculo para oração coletiva e avisos gerais sobre o esforço da coordenação do evento para aquele dia e de como era importante a "responsabilidade de

cada um na preservação do clima de paz e familiar que sempre marcou nossos "Babas" (Rogério Santos). Os jogos seguiram o mesmo formato do ano anterior, com a diferença de disporem de um espaço maior com uma pequena quadra demarcada; as crianças ocuparam a área de jogo toda vez que os jogadores exauriram as forças entre cervejas, vinho e comentários dos expectadores: "essa enfermeira do Satanás não joga porra nenhuma, óia essa disgraça!"". Estavam se referindo a opção do grupo em naquele ano padronizar as fantasias e não mais produzi-las individualmente. Uma estética do próprio carnaval foi reproduzida, recrudescendo imagens hipersexualizadas da mulher como uma enfermeira, aquela que cuida em um cenário pós-pandêmico ao mesmo tempo em que se erotiza como objeto do prazer masculino.

Figura 9 - O Jogo em 2023

Fonte: acervo pessoal, 2023

Quando o vinho e o som do porta malas acabaram, os batuques percussivos direcionaram-se à entrada do Calabar. A *Festa* tinha começado com a organização para o cortejo até o largo do bairro, anunciada pelo estampido sonoro de fogos no céu.

Figura 10 - o Cortejo em 2023

Fonte: acervo pessoal, 2023

O largo do Calabar nunca esteve tão equipado para a recepção dos fantasiados como esse ano. As fitas cor branco, azul e amarelo que sobraram da ornamentação da Copa do Mundo ajudaram a amenizar o sol escaldante da tarde, juntamente com o espaço do bar delimitado por freezers, mesas e um chuveiro para quem quisesse se refrescar.

Figura 11 - No Largo

Fonte: Acervo Pessoal, 2023

O espaço ainda contou com outros atrativos que reafirmaram o crescimento do jogo aos moldes de festas carnavalescas e organizadas pela lógica capitalista, como uma vontade da periferia em dar sentido aos fenômenos segundo a organização material e subjetiva do capital. Tais mudanças sinalizaram que a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo nas mais diversas esferas sociais. Enquanto uma ação cultural, o Baba de Saia mediante as modificações, produziu novas e globalizadas identidades enquanto grupo, reafirmando que a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade inicial de um coletivo e suas práticas relativas à comunidade local (Woodward , 2000).

Essa lógica se materializou nos demais aparatos como banheiros químicos, tenda com estrutura para palco, caixas e mesas de som, contratação de cantor e fotógrafo.

Figura 12 - Os equipamentos

Fonte: acervo pessoal, 2023

Os artefatos evidenciaram uma modernização do jogo, mas também a outra face dessa lógica: a ausência de alguns jogadores e a presença de outros sem desfrutar de todos os serviços da festa, disponibilizados pelo pagamento de R$100,00, com direito a fantasia, open bar, copo e pulseira para os jogadores e R$50,00 mais uma caixa de cerveja para convidados, com direito a camisa, pulseira, open bar e copo.

Procuramos sem sucesso por alguns jogadores que sempre estavam na quadra e fomos informados que "alguns não vieram porque tinha que pagar" (Reinaldo Quirino da Silva). Outros lá estavam, mas sem fantasia e os demais brindes, aproveitando a festa com sua própria bebida levada em coolers; há também quem disse que "alguns caras são canguinhas, não querem soltar o dinheiro pra o Baba de Saia" (Rogério Santos). Opiniões a parte, estava evidente que a ampliação do ritual exigiu o esquecimento de um de seus valores mais comunitários, a sua gratuidade. Um dos organizadores relata que

> Esse ano com a nova diretoria veio a camisa, fantasia de enfermeira, copo, pulseira, fotógrafo, banda. A gente precisa chegar junto pra fazer acontecer, é muito esforço porque tudo tem um custo. É um ano totalmente diferente, com autorização da base comunitária do Calabar, agradecer a capitã Aline e o sargento Wilson que esteve aqui dando uma força e a tendência é a cada ano melhorar" (José Victor Vasconcelos).

Figura - 13 Os artefatos

Fonte: Acervo Pessoal, 2023

Na metade da tarde, muitos moradores estavam agora chegando, inclusive as mulheres que se dispersaram no cortejo e agora voltaram produzidas com a camisa de convidados costumizada, cheia de adereços. Certa hora, Rogério Santos mostrou-nos adolescentes que cruzavam a área da festa em bicicletas e disse: “tá vendo ali, Cabeça, esses moleques são do tráfico, olhando se está tudo ok”.

Era notável a expressão de satisfação dos dois principais organizadores do Baba de Saia do Calabar, Gilson Oliveira e José Victor. Uma conquista importante para o grupo o jogo ter alcançado aquele patamar, cujo objetivo de dar visibilidade à comunidade por meio de uma ação esportiva e cultural tinha sido alcançado.

> Isso tudo aqui é do grupo *BabaSextou*. O que a gente busca com isso mesmo é visibilidade para o bairro. Infelizmente quando se trata de comunidade ou favela, o pessoal acha que é só trafico, morte e não é nada disso. Como em todo lugar aqui existem muitas pessoas de bem que acordam cedo. Esse Baba aqui só acontece por causa de trabalhadores, de família, que tem responsabilidade, até porque a gente não aceita e não permite nenhum tipo de erro (Gilson Oliveira).

O sentimento de pertencimento ao Calabar é forte nos moradores e isso vem à tona no jogo em formato de resistência a tudo que lhes cercam, pois há uma diferença significativa em morar em um bairro periférico cercado por elites e perto da Orla da cidade e residir numa periferia mais distante. As relações entre favela e orla mostram-se importantes e terminam por moldar o jogo, causando o efeito de "exibirem-se mais", tornar o Calabar visível aos vizinhos abastados. É uma vontade de resignificar através da festividade, a estigmatização territorial histórica que recebem diariamente como um lugar a ser evitado na cidade.

Como mencionado anteriormente, o Calabar é um exemplo de "fixação e estigmatização territorial" apresentada por Wacquant (2017), onde a marginalidade avançada concentra-se em territórios circunscritos e assume simbolicamente a pecha de "lugar de perdição". Paulo Sá, de 61 anos e "memória viva" da história da comunidade, onde atuou em seus movimentos políticos e culturais desde sua adolescência ratifica a percepção da cidade sobre Calabar, sobretudo pela truculência dos aparatos de controle do Estado.

> Aqui temos que ser unidos. Somos dados como marginais, porque mora num bairro que tem boca de fumo, tráfico. Quando a polícia entra aqui ela não entra pensando só no marginal não, é qualquer um. Nós temos a base comunitária que tem um trabalho social ótimo, durante o dia tem a Capitã que fica aí, mas e a noite? Eles chegam agora aí brutalmente, temos que comunicar a eles. Muitos policiais já disseram que essa "favelinha aqui" não ia ter nada. Eu comecei aqui naquela sede, era o JUC – Jovens Unidos do Calabar na década de 70 (Paulo Sá).

Por isso é pungente em suas oralidades a associação do jogo com valores comunitários, familiares e democráticos, um encontro de amigos da infância que se renova a cada ano e que pretende revelar outra Calabar, ou como disse o Paulo de Sá: " aqui não tem só bala não, tem Baba também".

> Eu lembro de um ano que teve uma foto muito bonita. A foto pegou todo mundo lá em cima. Senti uma sensação de união, paz, você saber que cada um da foto é importante na nossa vida, na comunidade (Jéssica Alves).

> Eu acho interessante para mostrar que nem todo bairro tem isso, é uma animação entre eles amigos e colegas (Jamile Silva Oliveira).

> A gente comemora a amizade, a união, porque isso aqui é uma família. Um momento que um tira pra curtir com a cara do outro fazer algazarra. Acho bom pra gente não perder a nossa história (Jaíse Carla).

> Família, amizade, a adolescência da gente, tudo de bom. Todo mundo aqui se conhece e até os que estão sem se falar ficam amigos de novo. Esse Baba é tradição familiar na comunidade do Calabar (Rogério Santos)

> Nossa comunidade está precisando disso, paz e tranquilidade, isso é muito importante e que continue porque aqui é assim: alegria, paz e felicidade na própria comunidade (Cal baiano - Locutor do Calabar)

> Existe algumas pessoas que hoje não se falam aqui no bairro por alguma briga, alguma coisa, mas esse Baba consegue agregar todos, entendeu? E esquece essa diferença. Não é que vai se falar, mas participa, vai pra o arrastão, agrega (João Victor Costa).

Quando se expressam, a relação clássica entre esporte e mobilidade social também se intensifica e exaltaram a capacidade das práticas esportivas locais em alterar os projetos de vida de jovens, afastando-os das facilidades ilusórias do crime e do tráfico. O Baba de Saia também significa a comemoração de encontros semanais distribuídos ao longo do ano em que membros de uma classe popular identificam numa atividade de lazer uma forma de auto-realização e superação dos limites de uma cidadania plena.

> Os valores desse evento é que ele tem o intuito de formar pessoas do bem, todos no Baba são do bem, o intuito é esse. Muitos que são do bem e usam. A gente dá conselhos pra sair desse meio. Mas o intuito do Baba de Saia é para que a comunidade veja que ali só tem pessoas do bem, não tem pessoas de má índole. (Reginaldo Quirino da Silva).

> Eu comecei tinha 14 anos e levamos muitos jovens para os esportes daqui, desse Baba mesmo, no início da década de 1990. Hoje tem advogados, professores, conseguiram se livrar desse mundo cão e ser alguma coisa na vida. E digo isso porque já fui presidente, diretor de cultura e outros cargos, mas hoje eu só apoio tudo que me chamam (Paulo Sá).

No cortejo, esses valores se expressam nas canções cantadas por todos, uma homenagem em forma de samba aos filhos e filhas que o Calabar perdeu para o crime, para o "mundo cão": "... Menino chorou, chora menino. O maculelê e o rabo de arraia, a ginga do corpo tomara que caia. Tomara que caia; A culpa não é deles não. A culpa é do mundo cão arraia" (Autoria não informada). As comemorações não sinalizavam indício do fim e com o sol decaindo iniciamos as despedidas. Saímos no início da noite, na hora como disse Caetano Veloso que "estrelas já vão luzir, na noite da Bahia preta".

Figura 14 - A festa continua

Fonte: Acervo Pessoal, 2023

Considerações finais

Observar o evento a partir de seus principais momentos, aqui tratados como *encontro, jogo* e *festa* em suas edições de 2022 e 2023, foi à condição necessária para compreender que seus significados socioculturais possuem como alicerce construções e discussões de gênero que perpassam por todo o tempo do ritual. Manifestam-se nas fantasias, na corporeidade e no consumo de bebidas alcoólicas durante o evento. Elementos que funcionaram como um tripé simbólico do ritual, que entrelaçados, constituem-se nele próprio. Quando se observa o jogo

> "De perto e de dentro", o que se vê são relações de brincadeira, mas também de compromisso e seriedade, que mobilizam uma miríade de significados e identidades, em ações que só podem se realizar em coletivos. Falar de futebol é antes de tudo falar de relações de alteridade que são carregadas de sentimentos e ideias e que servem a motivações diversas (Spaggiari, Chiquetto e Piva, p.58, 2018).

No *encontro,* as performances femininas são acionadas e as fronteiras simbólicas que demarcam as identidades pessoais de "jogador" e "jogadora" são borradas e temporariamente o futebol, como espaço generificamente, masculino perde força. No *jogo*, essa questão se potencializa, mas também não deixa de expressar simbologias que demarcam a dominação masculina como fruto das relações diárias entre esses homens e mulheres. Quando os filhos dos fantasiados ocupam o espaço, caraterizados como seus pais, a dimensão intergeracional emerge como o elemento que garante a continuidade da tradição de geração a geração. São as crianças, filhos homens, que perpetuam o Baba de Saia e juntamente com sua carnavalidade futebolística, replicam também em longo prazo os valores machistas, sexistas e lgbtfóbicos. A *festa* é o ápice do ritual em que o evento como uma ação cultural no âmbito esportivo fornece visibilidade política à comunidade. No feriado santo, Calabar mostra-se auto organizada, ao celebrar por meio de um futebol singular, sua história de luta e resistência contra a hegemonia econômica e social da cidade. Todavia, do ponto de vista simbólico, o jogo pode ser interpretado como um ritual para construção de masculinidades e feminilidades através do futebol.

Referências

MATTA. Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom a profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França.* São Paulo: Aderaldo e Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DÓRIA, Dione Sá Carvalho. *Ação política e aprendizado: o papel da cultura local do bairro Calabar na constituição da identidade política no Conselho Escolar de uma escola municipal na cidade de Salvador.* Dissertação (Mestrado). Programa de PósGraduação em Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA- FACED.

Salvador, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8948/1/Dione%20S%c3%a1%20Carvalho%20D%c3%b3rea.pdf. Acesso em 09 set. 2022.

FREITAS, Santos Freitas. *Jovens Unidos do Calabar (JUC): Experiência de um Movimento de Bairro de Salvador (1977-1985)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Salvador, p.147. 2020. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFBA-2_0473f6a77c51bfec6445f8565eca6a4b. Acesso em 04 ago. 2022.

SILVA, Valdiese Oliveira. *A representação do Calabar na mídia soteropolitana.* Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) Faculdade Social da Bahia – FSBA, Salvador: 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico. *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica.* São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

MOREIRA, Lucas Maroto; CALDAS, Francisco Demetrius; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. *O Baba de Saia na Bahia: notas sobre futebol e gênero em produções audiovisuais*. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas Vol. 10, n.1 (2023).

SAPGGIARI, Enrico; CHIQUETTO, Rodrigo Valentim; PIVA, Raphael. *Jogar Bola, rodar e tirar um lazer: amadores em São Paulo (SP) e Manaus (AM)*. In*:* Lazer de Perto e de Dentro: uma abordagem antropológica. Ogs: José Guilherme Cantor Magnani; Enrico Spaggiari – São Paulo: Edições Sesc , 2018.

STAHLBERG, Lara Tejada. *Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero.* In: TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (Orgs). Visão de jogo antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

STIGGER, Marcos Paulo; Myskiw, Mauro. *Etnografia e estudos no/ do lazer: aspectos da observação participante.* In.: Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer. (Orgs.) Helder Ferreira Isayama. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

TREUKE, Stephan. *Integração econômica vs. evitamento social: analisando relações de bairro entre a favela de Calabar e os condomínios de elite circundantes*. Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg., São Paulo, V.21, N.1, p.117-136, JAN.-ABR. 2019.Disponível em:https://www.scielo.br/j/rbeur/a/nbR3mrc9c6vfJYngH55wqyc/?format=pdf&lang=pt.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.* In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais /Toma.Z Thdeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WACQUANT, L. *A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. Sociologia:* Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [S. l.], v. 16, 2017. Disponível em: https://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/Sociologia/article/view/2365. Acesso em: 20 abr. 2023